

## Direitos trabalhistas

Acabado o primeiro turno das eleições, e na perspectiva de uma vitória de Aécio Neves (PSDB), o capital começa a mostra as suas garras.

Na sua coluna, publicada hoje (7.10.2014), na Folha de São Paulo, diz Benjamin Steinbuch, que é presidente em exercício da FIESP: *“Não há dúvida de que a atual legislação nessa área [a área trabalhista], da era Vargas, está velha e engessa as relações do trabalho. A inserção brasileira na economia global, altamente competitiva, pede algo mais moderno, que faça com que a livre negociação entre empresas e empregados ou sindicatos prevaleça sobre a legislação. Nessa matéria, será preciso adotar posições nem sempre populares, para reduzir encargos trabalhistas e tornar mais flexível a fixação de salários”*.

Curiosamente, o título dessa coluna é “Cara nova”. Não sei qual cara será nova, mas esse discurso é muito velho. Nós o ouvíamos bastante durante o governo de Fernando Henrique, para justificar a ofensiva liberal contra os direitos dos assalariados.

Sob as diferentes roupagens que utiliza, política sempre foi luta de classes. Já era assim na Grécia, em Roma, e continua sendo na democracia moderna. Nesta, se apresentam com nomes diversos vários partidos, mas na verdade sempre existiram - e continuam existindo - apenas dois: o partido dos que têm e o partido dos que não têm. Historicamente, o número dos que têm sempre foi menor do que o número dos que não têm. Mas, na democracia moderna, eles continuaram com o poder na medida em que era pequeno o número dos eleitores. Com a expansão do eleitorado, apenas a corrupção eleitoral permitia que continuassem a deter o poder estatal. No Brasil, as reformas eleitorais introduzidas a partir de 1930, exigiram maior poder de sedução do partido dos que têm. Eles precisam fazer crer à classe média que, porque tem, inclui-se no partido dos que têm.

A classe média é composta pelos que, para viver, dependem dos serviços que prestam; assim, eles sobrevivem graças à sua força de

trabalho, e não graças ao capital, como acontece com os que têm. Em outras palavras, eles sobrevivem na medida em que, os que têm, precisem ou aceitem partilhar com a classe média, e com os assalariados, parte dos lucros decorrentes da atividade econômica.

Cidadania é saber em que lugar estou economicamente situado. Porque pode ser que, apesar de pouco ou nada ter, me tenha alistado no exército dos que têm, para lutar contra quem nada tem.